

UMA FÁBULA PARA TUBINO

A FABLE FOR TUBINO

Ruy Jornada Krebs*

RESUMO

O texto tem como objetivo prestar uma homenagem a Manoel José Gomes Tubino, falecido em 18 de dezembro de 2008. O texto é composto de duas partes. Na primeira é comentado o papel de Tubino na implantação da pós-graduação stricto sensu em educação Física no Brasil, e na segunda é enfatizada a atenção que Tubino tinha com o aspecto moralizante e infalível das fábulas usadas em livros escolares.

Palavras-chave: Tubino. Fábulas. Resiliência.

NOTAS PRELIMINARES

Foi com um imenso sentimento de perda e uma indescritível tristeza que eu recebi a notícia do falecimento do professor Manoel Gomes Tubino. Tenho certeza de que meu sentimento foi o mesmo de milhares pessoas, desde colegas da educação física até ministros de estado, pois ao longo de sua vida Tubino havia conquistado a amizade, a admiração e o respeito de todos aqueles com quem ele se relacionava. O dia 18 de dezembro de 2008 não marcou apenas uma data de falecimento do Presidente da Fédération Internationale d'Education Physique (FIEP), pois será para sempre o dia em que Tubino assumiu seu lugar entre os imortais da educação física mundial.

Seu espírito guerreiro, seu caráter, sua sabedoria, sua liderança sempre estiveram em equilíbrio com sua simpatia, simplicidade, bom humor e modéstia. O legado que Tubino nos deixou vai muito além de sua obra literária, um verdadeiro patrimônio da nossa educação física. A sua história de vida será, para todos nós, um modelo a ser seguido.

Quando o editor da revista da Educação Física da Universidade Estadual de Maringá solicitou que eu escrevesse um texto para homenagear Manoel Gomes Tubino eu fiquei ao mesmo tempo honrado e inseguro. Honrado pela

oportunidade de poder expressar, em nome de toda a comunidade da educação física, toda a gratidão e respeito que sentimos por tudo que Tubino fez em nome do esporte e da educação física. Inseguro por não me acreditar capaz de colocar no papel tudo aquilo que conseguimos expressar apenas através de sentimentos, como por exemplo, o sorriso, as lágrimas, o bater mais forte do coração...

As primeiras tentativas de um texto foram abandonadas logo ao princípio, pois enumerar seus feitos, discorrer sobre seus livros, relembrar alguns episódios de sua vida profissional seria repetir o que já havia sido feito pela secretaria da FIEP, pela mídia nacional, etc. Mais ainda, isso se tornaria, um exercício sem fim, uma interminável *colcha de Penélope*. Por mais esforço que eu fizesse, todas as idéias que surgiam para o texto eram semelhantes a tudo que já havia sido escrito sobre Tubino. Foi nesse momento que eu abandonei o estilo acadêmico (compatível com o formato da revista onde o texto seria publicado), e comecei a relembrar todos os momentos que eu havia compartilhado com Tubino, para escolher um tema para esta homenagem. Assim, escolhi uma passagem do início da década de oitenta, quando toda a “massa crítica” da pós-graduação em educação física cabia em duas Kombis (como Tubino gostava de se referir aos professores pioneiros

* ** Doutor. Professor do Departamento de Educação Física do CEFID, UDESC.

dos cursos de mestrado em Educação Física), para servir de fio condutor para este texto.

O PAPEL DE TUBINO NA PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA NO BRASIL

Os finais dos anos setenta marcam o início da pós-graduação *stricto sensu* em Educação Física no Brasil. Dois fatos foram fundamentais para isso: (a) a criação dos cursos de mestrado em Educação Física na Universidade de São Paulo, na Universidade Federal de Santa Maria e na Universidade Federal do Rio de Janeiro, e (b) a política da antiga Secretaria de Estado da Educação Física do Desporto e do Lazer (SEED) que, em parceria com a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), fez um convênio com universidades estrangeiras para qualificar docentes para atuarem nos cursos de pós graduação *stricto sensu*. Nessa época Tubino já havia concluído o mestrado em Educação na Universidade Federal do Rio de Janeiro (em 1976) e estava escrevendo sua tese de doutorado em Educação Física na Universidade Livre de Bruxelas (concluído em 1982).

Foi no período em que Tubino era o Decano do Centro de Ciências Humanas da Universidade Gama Filho que começou a ser elaborado o projeto de implantação daquele que seria o quarto curso de mestrado em Educação Física do Brasil (esse mestrado iniciou suas atividades em março de 1985). O mestrado na Universidade Gama Filho ampliou o foco da área de concentração dos mestrados em Educação Física (até então muito centrado na Fisiologia do Exercício, Biomecânica e Comportamento Motor), enfatizando as linhas de pesquisa em Pedagogia do Movimento Humano e Planejamento e Administração em Educação Física. Nessa nova visão para a formação de mestres em Educação Física estava implícito o perfil pedagógico e político de Tubino.

A primeira metade da década de oitenta alguns eventos foram bastante significativos para a consolidação dos cursos de mestrado em Educação Física no Brasil. Nesse período ocorria anualmente na Universidade Federal de Santa Maria o Seminário Nacional de pós-graduação em Educação Física (cuja primeira

edição aconteceu na Universidade de São Paulo), que era um evento direcionado aos professores e alunos dos cursos de mestrado em Educação Física. Em São Caetano do Sul o Simpósio Internacional de Ciências do Esporte do CELAFISCS era, junto com o Simpósio Nacional de Ginástica da Universidade Federal de Pelotas, um importante fórum de debates sobre os rumos da pesquisa em educação física e esportes no Brasil. Em todos esses eventos Tubino destacava-se como uma das vozes mais influentes da educação física nacional.

Dentre esses simpósios que foram importantes para o desenvolvimento da educação física e, em especial, para o fortalecimento da pós-graduação *stricto sensu* em Educação Física, eu destaco um em que a figura de Tubino confunde-se com a própria história do evento: O Simpósio Mineiro de Ciência do Movimento, organizado pela Escola Superior de Educação Física de Muzambinho (ESEFM). Em 2001, nas comemorações dos 30 anos da ESEFM, Tubino foi homenageado com o título de Professor Benemérito da instituição. Foi relembando as idas-e-vindas nos simpósios de Muzambinho que eu me dei conta de que tínhamos uma dívida com Tubino: reescrever as fábulas, que eram leitura obrigatória nos currículos escolares.

Para que o leitor entenda o porque da dívida em reescrever as fábulas, vamos começar explicando as viagens que fazíamos para chegar em Muzambinho. De antemão elas já tinham um roteiro pré-estabelecido. Os palestrantes convidados pela organização do simpósio viajavam até Campinas, e no aeroporto de Viracopos eram recebidos por uma *comissão de boas vindas* da ESEFM. De Viracopos todos seguiam em duas Kombis (que segundo Tubino eram suficientes para transportar a *massa crítica* da educação física da época) para dar continuidade à viagem. Certa vez, durante o trajeto até Muzambinho, Tubino fez um comentário sobre as fábulas de Esopo e La Fontaine, que eram sempre finalizadas com uma moral implacável. Ele argumentava que poderíamos reinterpretar a moral dessas fábulas ou, até mesmo, reescrevê-las, para que elas tivessem finais felizes. Nesse dia nos comprometemos com Tubino em organizarmos uma coletânea com textos que modificassem a

moral determinista das fábulas e permitissem outras possibilidades aos seus personagens. Desde aquele dia eu comecei a ler as fábulas, e escolhi para a minha tarefa aquela que mais me impressionara durante meus tempos de aluno do *admissão ao ginásio*: “A cigarra e a formiga”, de La Fontaine (2003).

OUTRA CIGARRA E A MESMA FORMIGA

Desde criança nos acostumamos a ouvir a história da cigarra que cantava durante o verão, enquanto a formiga trabalhava. Nos versos de La Fontaine (2003), a fábula começa assim:

Tendo a cigarra em cantigas
Folgado todo o verão,
Achou-se em penúria extrema
Na tormentosa estação
Não lhe restando migalha
Que trincasse, a tagarela
Foi valer-se da formiga,
Que morava perto dela. (p.11)

Nesse primeiro momento a formiga teve possibilidade de escolha (o que em aprendizagem motora poderíamos chamar de *graus de liberdade*). No entanto a formiga era orientada pelo paradigma behaviorista, que associa o estímulo a uma resposta. Dessa forma, não foi surpresa que a formiga desenvolvesse sua tese de que quem não trabalha (e cantar não era trabalho produtivo, mas sim lazer – um fim em si mesmo) não come. Além de adepta ao paradigma behaviorista, a ideologia da formiga não era socialista. Continuando os versos La Fontaine:

Rogou-lhe que lhe emprestasse,
Pois tinha riqueza e brio,
Algum grão com que manter-se
Té voltar o aceso estio.
A formiga nunca empresta,
Nunca dá, por isso junta,
“No verão em que lidavas?”
À pedinte ela pergunta.

Responde a outra: “Eu cantava
Noite e dia, toda a hora”.

“- Oh! Bravo! – torna a formiga –
Cantavas? Pois dança agora”. (p. 12)

Fica evidente nos versos acima que a cigarra necessitava urgentemente de alimento, para sobreviver ao rigor do inverno. Fica evidente, também, que o desejo da formiga era o de dar uma lição de moral na cigarra (talvez a formiga não fosse tão má ao ponto de desejar que a cigarra morresse de fome e frio). Para melhor entendermos o comportamento da cigarra e o da formiga, podemos utilizar os conceitos de Skinner (1998) para necessidade e desejo: “uma necessidade ou um desejo poderiam ser redefinidos simplesmente como uma condição resultante da privação e caracterizada por uma especial probabilidade de resposta” (p.158).

Como a maioria das fábulas iniciava explicitando necessidades e desejos (como por exemplo, a raposa que desejava comer as uvas, o cordeiro que necessitava beber no mesmo córrego onde o leão saciava a sede, etc.) seus finais eram sempre caracterizados por uma resposta provável. E era isso que incomodava o Tubino, que argumentava que as fábulas deveriam explorar outras respostas (menos prováveis). Ele acusava os professores de usarem as fábulas para condicionar respostas/comportamentos dos alunos (do tipo “aqui se faz, aqui se paga”, ou “contra a força não há argumento”).

Para mostrar que Tubino estava certo quando dizia que as fábulas poderiam estimular a criatividade do aluno para descobrir respostas alternativas a uma mesma questão, reescrevi em sua homenagem, o final da “*A cigarra e a formiga*”. Para esse outro final resolvi definir a cigarra como um ser resiliente, ou seja, alguém capaz de superar adversidades, e nesse caso é importante “a influência de relações com pessoas significativas e próximas como apoio para superação das adversidades da vida” (Yunes, 2006, p. 60).

Ao receber a resposta negativa da formiga, a cigarra desesperou-se, e por um momento pensou que iria morrer de fome e frio. Mas a formiga não era a sua única amiga (?) e a cigarra começou a perceber que,

enquanto ela cantava, muitos outros insetos apreciavam a beleza de seu canto. A abelha, por exemplo, era tão ocupada quanto a formiga, mas diferente dessa, ela acreditava que o cantar alegre da cigarra tornara menos árduo o seu trabalho. E foi a abelha que abriu a porta de sua casa para acolher a quase moribunda cigarra. Foi também a abelha que lhe deu um importante conselho – porque a cigarra ao invés de cantar apenas como um passatempo, não transformava aquilo em seu ofício? E a partir daquele dia a cigarra profissionalizou-se – cantar, que lhe dava tanto prazer, seria também a sua profissão.

O tempo foi passando e as coisas foram mudando no reino da cigarra e da formiga. Enquanto a primeira ficava famosa e rica, a segunda envelhecia e começava a apresentar os primeiros sintomas de depressão. Depois de gastar boa parte de seu dinheiro pagando tratamento médico (sem nenhuma perspectiva de melhora), a formiga foi encaminhada a uma equipe multiprofissional de terapeutas. E de um deles partiu a solução para reverter o severo quadro de depressão da formiga – ela deveria submeter-se a sessões de musicoterapia, como complemento ao tratamento prescrito pelo psiquiatra. Nas primeiras sessões a música parecia não fazer efeito algum sobre o estado clínico da formiga, mas depois de algumas semanas ela começou a prestar atenção à harmonia das canções e ao tom melodioso da voz da cantora, que, no fundo, lhe parecia um tanto familiar.

Quando estava próxima de receber alta de seu tratamento, e com a sensação de que finalmente estava curada da depressão, a formiga quis conhecer a pessoa que tinha aquela voz tão encantadora e que, a bem da verdade, lhe salvara a vida (nem que para isso tivesse que gastar o restante de sua fortuna). Foi então que ela reencontrou a cigarra, no auge de sua fama como cantora, que a recebeu de braços abertos e, para o resto de suas vidas, foram felizes para sempre.

ÚLTIMAS CONSIDERAÇÕES

A história de vida de Tubino é muito mais do que uma fábula, pois ao mesmo tempo em

que ele demonstrava a persistência e a capacidade de trabalho da formiga, ele desfrutava as coisas belas da vida. Porém, diferente da formiga, ele nunca fez do trabalho a sua única sina, ou um pesado fardo que tivesse que ser arrastado ao longo da vida. E diferente da cigarra de La Fontaine que aceitou passivamente a sua sentença, ele sempre reagia com firmeza aos seus detratores. Isso ficou marcado no episódio que culminou com sua exoneração do cargo de Presidente do Instituto Nacional de Desenvolvimento do Esporte, quando ele denunciou o interesse dos mais poderosos em transformar o *Setor dos Bingos* do Ministério de Esporte e Turismo numa máfia inescrupulosa. Isso está documentado em sua carta ao então ministro que tramara a sua destituição (aquele mesmo que nas comemorações dos 500 anos de Descobrimento do Brasil, mandou construir com dinheiro público uma réplica de uma caravela portuguesa que, pasmem, ao ser colocada na água, quase naufragou):

Após ter servido ao governo com muita honra durante cinco anos como Presidente do Conselho Nacional de Desportos e agora nove meses como Presidente do INDESP, reforço a minha crença no esporte como um dos meios principais de promoção e convivência humana, reafirmando o meu compromisso com a nação brasileira, que agora será por mim exercido como professor universitário, cientista e escritor (Tubino, 2000, p. 4)

Tubino era resiliente, pois mesmo quando a sua saúde já não lhe favorecia, ele nunca dizia não a um convite para promover a educação física e o esporte. Do Amapá (Congresso dos profissionais de Educação Física) a Porto Alegre (Congresso de Ciências do Esporte e Educação Física dos Países de Língua Portuguesa) a participação de Tubino era aclamada, não apenas pelo brilhantismo e coerência de suas idéias, mas também pela sua simplicidade e alegria de viver. A Educação Física fica mais triste sem Tubino, mas a sua vida será sempre, para todos nós, uma fonte de inspiração.

A FABLE FOR TUBINO**ABSTRACT**

The objective of this essay is to pay a tribute to Manoel José Gomes Tubino, died in 18 of December of 2008. The text is composed by two parts. In the first one the Tubino's role in the creation of graduate programs in Physical Education in Brazil is commented, and in the second one it is emphasized the Tubino's concern with the infallible and moralizing aspect of the fables used in school textbooks.

Keywords: Tubino. Fables. Resilience.

REFERÊNCIAS

LA FONTAINE, J. **Fábulas**, Vol I. São Paulo: Landy Editora, 2003.

SKINNER, B. F. **Ciência e comportamento humano**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

TUBINO, M. J. G. **A demissão de Manoel José Tubino**. 2000. <http://www.thebrazilian.com/art/tubino.htm>. Acesso em: 05/04/2009.

YUNES, M. A. M. Psicologia positiva e resiliência: foco no indivíduo e na família. In: DELL'AGLIO, D. D., KOLLER,

S. H. YUNES, M. A. M. (Org.). **Resiliência e psicologia positiva: Interfaces do risco à proteção**. São Paulo: casa do Psicólogo, 2006, p. 45-68.

Recebido em 10/01/2009

Revisado em 20/02/2009

Aceito em 25/02/2009

Endereço para correspondência: Ruy Jornada Krebs. Rua Paschoal Simone, 358 – Coqueiros, 88080-350 - Florianópolis - SC – Brasil. E-mail: ruykrebbs@yahoo.com.br